

O uso de *MAKE* na escrita acadêmica de aprendizes brasileiros de inglês

The use of MAKE in academic writing of Brazilian learners of English

Valdênia Carvalho Almeida*

“No word is an island”
Coxhead (2008)

RESUMO: Este artigo trata do uso do verbo de alta frequência, “*make*”, na escrita acadêmica de aprendizes brasileiros de inglês. O estudo tem seu foco nos padrões fraseológicos desse verbo, os quais, de acordo com recentes pesquisas, é uma fonte potencial de erros para aprendizes de línguas (LAUFER e WALDMAN 2011, ALTENBERG e GRANGER, 2001). O artigo apresenta os tipos mais frequentes de usos de *make* feito pelos aprendizes brasileiros, que seriam os causativos e deslexicalizados e, posteriormente, lista os erros envolvendo os padrões lexicais de *make*, identificados nas produções escritas dos aprendizes. Os dados do estudo são provenientes do *corpus* de aprendiz *Br-ICLE*, formado por ensaios argumentativos escritos por estudantes brasileiros universitários, aprendizes de inglês. Esses dados foram analisados, utilizando-se a ferramenta computacional *AntConc 3.2.4* (ANTHONY, 2011). Os resultados revelam que os aprendizes brasileiros têm dificuldades em utilizar o verbo *make* nas combinações de palavras, quando formam colocações. Essas dificuldades parecem ser provenientes de diferentes fatores, entre eles a transferência da L1. Nas considerações finais, as implicações pedagógicas do estudo são discutidas, apontando a importância de se desenvolver a conscientização linguística do aprendiz acerca da fraseologia dos verbos de alta frequência.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo de alta frequência. Fraseologia. *Corpus* de aprendiz.

ABSTRACT: This article reports on the use of the high-frequency verb *make* in the writings of Brazilian learners of English. The focus is on the phraseological patterns of this verb, which are problematic for language learners according to recent studies (LAUFER e WALDMAN 2011, ALTENBERG e GRANGER, 2001). The article presents the two most frequent uses of *make* by the Brazilian learners, the causative and delexical uses. It also lists some of the errors with the lexical patterning of *make* identified in the writing of the learners. All data were taken from the learner corpus *Br-ICLE*, composed by argumentative essays written by Brazilian graduates who are English learners. Those data were analyzed by the tool *AntConc 3.2.4* (ANTHONY, 2011). Results show that Brazilian learners of English have great difficulty with the phraseological patterns of the verb *make*. These difficulties seem to be related to different factors, including L1 transfer. In the conclusion, the pedagogical implications are discussed, pointing out the importance of developing learners’ awareness of the use and phraseology of high frequency verbs such as *make*.

KEYWORDS: High-frequency verb. Phraseology. Learner corpus.

* Doutoranda na FALE/UFMG.

1. Introdução

Estudos recentes têm mostrado que aprendizes de inglês têm dificuldades em utilizar os verbos de alta frequência tais como, *do, get, give, have, make, take*, entre outros (LAUFER e WALDMAN 2011, JUKNEVIČIENĖ 2008, NESSELHAUF 2005, ALTENBERG e GRANGER, 2001). Esses estudos revelam que a maior parte das dificuldades está relacionada aos padrões fraseológicos desses verbos, isto é, quando os mesmos são usados em combinações de palavras, tais como as colocações e expressões idiomáticas.

Na definição de Cowie (1994), a colocação é um tipo de combinação de palavras a qual pode ser distinguida de outros tipos de combinações de palavras, como as combinações livres e as expressões idiomáticas, dependendo do grau de restrição dessas combinações. Ou seja, nas combinações livres, há menor restrição quanto à combinação dos elementos. Por exemplo, o verbo *drink* pode se combinar com qualquer substantivo que designa algo que possa ser bebido. Já as expressões idiomáticas apresentam um maior grau quanto à restrição das combinações, sendo algumas combinações fixas, como por exemplo, *kick the bucket*.

De forma simplificada, o fenômeno da colocação está relacionado ao fato de as palavras de uma língua não se combinarem de forma aleatória. Um falante nativo do inglês sabe, por exemplo, que para descrever um homem como sendo alto utiliza-se o adjetivo *tall*, mas não *high*. Da mesma forma que, para descrever uma montanha como sendo alta, utiliza-se *high*, mas não *tall*. A fraseologia do inglês dita que podemos dizer *tall man* e *high mountain*, mas não *high man* e *tall mountain*. Trata-se do fenômeno da colocação, ou seja, existem restrições lexicais ou gramaticais nas combinações das palavras de uma língua. Da mesma forma que adjetivos não podem ser combinados aleatoriamente com substantivos, conforme visto nos exemplos acima, os verbos de alta frequência também não podem ser combinados com qualquer substantivo.

Segundo Altenberg e Granger (2001), os verbos de alta frequência são frequentemente utilizados como verbos deslexicalizados, isto é, verbos usados com substantivos formando construções, cujo sentido recai nos substantivos. O verbo deslexicalizado tem pouco ou nenhum significado, como por exemplo, em *take a decision*, o sentido da combinação recai no substantivo *decision*. De acordo com os autores, verbos deslexicalizados são uma fonte potencial de erros para aprendizes de línguas, pois as escolhas lexicais para compor as combinações são arbitrarias. O mesmo é revelado no estudo de Juknevičienė (2008) que argumenta que as combinações envolvendo verbos deslexicalizados são, geralmente,

consideradas colocações, combinações as quais apresentam restrições quanto à substituição dos elementos. Para a autora, as restrições quanto à substituição dos elementos ou comutabilidade é o que parece causar as maiores dificuldades dos aprendizes de inglês com os padrões fraseológicos desses verbos. Por exemplo, no Br-ICLE, identificamos a combinação *make + actions* formando a colocação *make actions*, combinação essa que constitui um erro colocacional¹. Em inglês, o substantivo *actions* não se combina com *make*. *Actions* geralmente é usado com o verbo *take*, formando a colocação *take actions*. O aprendiz, provavelmente, não conhece a colocação correta e não tem consciência das restrições das combinações, isto é, no caso do substantivo *actions*, o verbo *take* não pode ser substituído por *make*. Ou ainda, o substantivo *actions* não pode ser usado com qualquer verbo, pois existem restrições nas combinações. Lembrando que, como mencionado anteriormente, o grande problema é que não há regras para essas restrições.

Pesquisadores têm concordado que as dificuldades de aprendizes de inglês com colocações envolvendo verbos de alta frequência parecem ser universais, sendo ocasionadas, principalmente, por escolhas lexicais inadequadas, o que seria resultado da falta de conhecimento das restrições das combinações dos itens (WANG e SHAW 2008, NESSELHAUF 2005). Esses pesquisadores investigaram as produções escritas de aprendizes de inglês com o objetivo de identificar as dificuldades dos mesmos com as combinações verbo + substantivo, formando colocações, principalmente combinações envolvendo os verbos de alta frequência.

Com base nesses estudos, podemos considerar três fatores principais como sendo causadores das dificuldades de aprendizes com a fraseologia da língua: **1.** Fatores interlinguais, que envolveriam a transferência negativa da L1; **2.** Fatores intralinguais, referentes à falta de conhecimento na L2, principalmente a falta de conhecimento das restrições da língua e **3.** Fatores relacionados ao ensino inadequado da L2. A maioria desses estudos aponta a transferência da L1 como sendo o fator responsável pela maior parte dos erros colocacionais identificados nas produções dos aprendizes. Hong et al (2011) e Wang e Shaw (2008) concordam que a L1 do aprendiz tem influência nos erros, mas argumentam que fatores intralinguais têm igual ou maior influência. Importante considerar que, talvez o grau de influência de fatores inter ou intralinguais, possa estar relacionado à L1 dos aprendizes. Hong et al (2011) trabalharam com

¹ O termo erro colocacional é utilizado para se referir a qualquer combinação inadequada de duas ou mais palavras da língua (WANG e SHAW, 2008).

aprendizes malásios, Wang e Shaw (2008) com chineses e suecos e, Nesselhauf (2005) com aprendizes alemães. Todos eles aprendizes de inglês.

O foco deste artigo será o verbo *make*, o qual, nas palavras de Altenberg e Granger (2001) é um dos principais representantes dos verbos de alta frequência. A análise de combinações de *make* deslexicalizado realizada por Altenberg e Granger (2001) mostrou que os aprendizes suecos e franceses utilizam colocações com *make* de forma inadequada, produzindo combinações como *make a balance*, *make a step*, *make requirements*, *make impression*.

As autoras agruparam os diferentes tipos de significados e usos de *make* em oito categorias principais. A Tabela 1, abaixo, traz as oito categorias e ilustra cada uma delas com um ou mais exemplos.

Tabela 1: Principais usos do verbo *make* (adaptado de ALTENBERG e GRANGER, 2001, p.177).

1. Produzir algo	<i>make furniture, make a hole, make a law</i>
2. Usos deslexicalizados	<i>make a distinction / a decision / a reform</i>
3. Usos causativos	<i>make sb believe sth, make sth possible</i>
4. Ganhar - <i>earn</i> (dinheiro)	<i>make a fortune, a living</i>
5. Verbo de ligação	<i>she will make a good teacher</i>
6. Expressão idiomática <i>make it</i>	<i>if we run, we should make it</i>
7. Usos preposicionais ou frasais	<i>make out, make up, make out of</i>
8. Outros usos convencionais	<i>make good, make one's way</i>

Na pesquisa de Altenberg e Granger (2001), a categoria 3, o uso causativo, foi o mais utilizado pelos aprendizes, seguido da categoria 2, uso deslexicalizado. As demais categorias foram bem menos utilizadas pelos aprendizes suecos e franceses. Em relação às dificuldades desses aprendizes com os usos causativos e deslexicalizados de *make*, a frequência de erros foi bem maior com o uso deslexicalizado do que com o causativo. Assim, no estudo dos autores, os aprendizes utilizam mais o *make* causativo e têm maior dificuldade, cometendo maior número de erros colocacionais, com *make* deslexicalizado.

2. Metodologia

A presente pesquisa utilizou um *corpus* de estudo e dois *corpora* gerais. O *corpus* de estudo, chamado *Br-ICLE*² (*Brazilian Subcorpus of the International Corpus of Learner English*) é um sub-*corpus* do *ICLE* (*International Corpus of Learner English*)³. O *Br-ICLE* é formado por composições argumentativas escritas por estudantes brasileiros universitários, aprendizes de língua inglesa em nível intermediário a avançado, cursando a graduação em língua inglesa. Cada aprendiz deve escolher um tópico de discussão para sua composição a partir de uma lista de 13 títulos, entre eles, *In the words of the old song "Money is the root of all evil"; Crime does not pay*. A versão do *Br-ICLE*, utilizada nesta pesquisa, conta com os textos produzidos até 2009, totalizando 159.000 palavras. A pesquisa também faz uso de dois *corpora* gerais ou de referência, o *BNC*⁴ - *British National Corpus* (DAVIES, 2004) com 100 milhões de palavras e o *COCA*⁵ - *Corpus of Contemporary American English* (DAVIES, 2008) com 425 milhões de palavras.

Uma grande vantagem de se utilizar *corpora* eletrônicos é a possibilidade de análise automática da língua por meio de ferramentas computacionais. O presente estudo fez uso do programa AntConc 3.2.4⁶ (ANTHONY, 2011) para coletar e analisar os dados. Esse programa possui sete ferramentas que permitem fazer análises baseadas na frequência e coocorrência de palavras em *corpora*. As sete ferramentas que compõem o programa são: *Concordance*; *Concordance Plot*; *File View*; *Clusters*; *Collocates*; *Word List* e *Keyword List*.

A pesquisa utilizou uma dessas ferramentas, o *Concordance*, para coletar todas as combinações de *make* + substantivo no *corpus* *Br-ICLE*. O *Concordancer* foi utilizado para gerar as linhas de concordância com o verbo *make*, o qual foi inserido no campo *search word* (palavra de busca) com um asterisco de forma tal que a busca levasse em consideração a frequência de lemas, ou seja, todas as flexões do verbo pesquisado (e.g. *make*, *makes*, *made* e *making*). A palavra de busca (*search word*) aparece no centro da linha de concordância e com uma cor diferente para que, assim, ela possa ser facilmente identificada pelo analista. Esse formato de apresentação é denominado de *key word in context* (KWIC). A palavra de busca

²*Brazilian Sub-corpus of The International Corpus of English* (Br-ICLE) <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bricle/>

³ Disponível em: <http://www.fltr.ucl.ac.be/FLTR/GERM/ETAN/CECL/cecl.html>

⁴ Disponível em: <http://corpus.byu.edu/bnc/>

⁵ Disponível em: <http://corpus.byu.edu/coca/>

⁶ O programa está disponibilizado gratuitamente no site de seu criador Laurence Anthony : <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>

também é denominada de nóculo e os itens ao seu redor são os seus colocados. A Figura 1 abaixo mostra a tela do *Concordancer* e algumas linhas de concordância com o verbo *make* como nóculo.

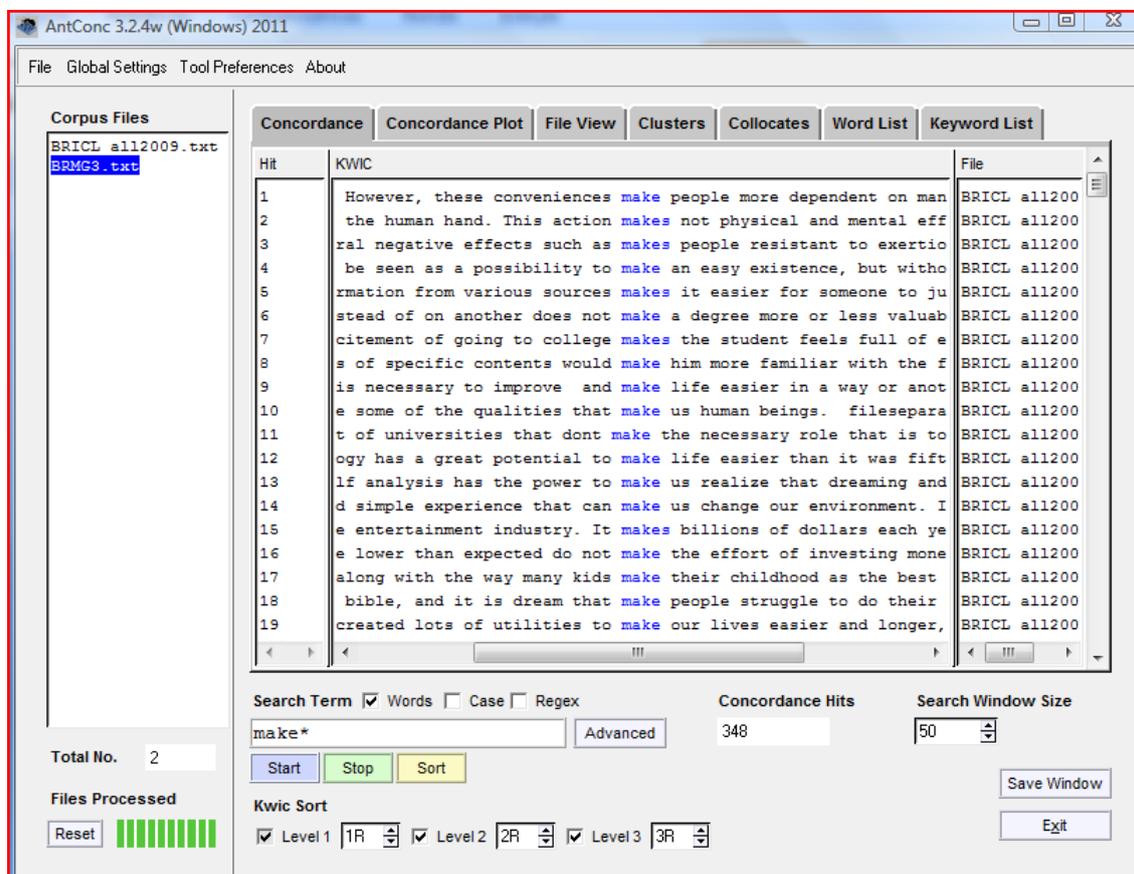


Figura 1: Tela do *Concordancer* e linhas de concordância com o verbo *make*

Primeiramente, geraram-se as linhas de concordância com o verbo *make*, para posterior identificação dos padrões de uso e erros com as combinações *make* + substantivo, em especial as combinações que formavam colocações. Como sugerido por Sinclair (1991), um horizonte de ± 4 foi utilizado, para que, assim, fosse possível considerar os casos de ocorrência de padrões que modificam as colocações, como por exemplo, artigos, advérbios, adjetivos, preposições etc. que podem ocorrer antes ou depois do nóculo + substantivo.

Em seguida, as linhas de concordância foram analisadas, uma a uma, para que os padrões de uso e erros pudessem ser identificados. Importante lembrar que, o termo erro, no presente estudo, é utilizado para se referir às formas de uso diferentes daquelas encontradas no BNC e no COCA. Ou seja, cada erro foi julgado de acordo com sua não conformidade com os dados dos *corpora* ou aceitabilidade. Nessa etapa da pesquisa, o primeiro procedimento foi

avaliar a aceitabilidade da combinação. Para tanto, os *corpora* gerais foram utilizados. Assim, como proposto por Nesselhauf (2005), para determinar a aceitabilidade de uma combinação, ela deveria ocorrer, no mínimo, cinco vezes em cinco textos diferentes do BNC ou do COCA. Por exemplo, a colocação *make actions*, no sentido de *tomar medidas* não tem nenhuma ocorrência nos *corpora* BNC e COCA e, assim sendo, é considerada um erro colocacional.

A próxima etapa de análise dos dados consistiu na classificação dos erros colocacionais existentes nas combinações tidas como inadequadas. Com base na classificação de Nesselhauf (2003), consideramos sete tipos de erros⁷, que são apresentados na Tabela 2 que se segue. Cada tipo de erro é representado na tabela com um exemplo extraído do *corpus* Br-ICLE. O exemplo de erro é apresentado, seguido do que seria a forma, ou uma das formas, adequada de uso da colocação. Vale ressaltar que os exemplos presentes na tabela ilustram colocações com outros verbos de alta frequência além de *make*. Os tipos de erros com *make* serão listados e discutidos na apresentação dos resultados.

Tabela 2: Classificação dos tipos de erros colocacionais (adaptado de Nesselhauf, 2003).

Tipos de Erros		
1	Verbo	Erro na escolha do verbo <i>give a class (teach a class)</i>
2	Substantivo	Erro na escolha do substantivo <i>get a work (get a job)</i>
3	Uso 1	Combinação existe, mas não é usada corretamente <i>get high (increase)</i>
4	Uso 2	Combinação não existe e não pode ser corrigida pela substituição de um dos elementos <i>make a hiring (hire)</i>
5	Preposição	Erro na escolha da preposição, falta preposição ou preposição desnecessária <i>give importance of (give importance to)</i>
6	Determinante	Erro na escolha do artigo, falta artigo ou artigo desnecessário <i>give a support (give support)</i>

⁷ A classificação de Nesselhauf (2003) se refere aos erros comuns no uso de qualquer colocação verbo nominal. A mesma classificação será seguida na análise dos erros colocacionais com o verbo *make* identificados na presente pesquisa.

7	Número	Substantivo usado no singular ao invés do plural ou vice-versa <i>take advantages (take advantage)</i>
---	--------	---

Assim, os procedimentos de coleta e análise dos dados se constituíram de quatro etapas: 1. Geração dos dados; 2. Identificação das combinações *make* + substantivo; 3. Identificação dos erros e 4. Classificação dos erros. A seguir, as colocações mais frequentes e os tipos de erros ou inadequação com *make* são apresentados.

3. Uso de *make* no Br-ICLE

No total, foram identificadas 413 combinações de *make* + substantivo no *corpus* de estudo Br-ICLE. Essas combinações foram analisadas, uma a uma, a fim de conhecermos como os aprendizes brasileiros fazem uso do verbo *make* em suas produções escritas. A seguir, as colocações mais frequentes de *make* + substantivo são apresentadas, seguidas por discussões acerca das mesmas e acerca dos padrões identificados no Br-ICLE.

- Colocações mais frequentes com *make*

1. *make money* (19 ocorrências)
2. *make use of* (16 ocorrências)
3. *make a difference* (14 ocorrências)
4. *make an effort* (9 ocorrências)
5. *make a choice* (8 ocorrências)
6. *make a decision* (7 ocorrências)
7. *make changes* (7 ocorrências)

A lista acima mostra o uso de *make* + substantivo formando colocações que são comuns na língua inglesa e figuram entre os 20 colocados mais frequentes de *make* no *corpus* COCA.

A análise das demais construções de *make* + substantivo revelou que os aprendizes brasileiros, frequentemente, utilizam o padrão causativo de *make* (*make life easier, make people sick, make us believe, make students feel, make the graduate student a professional*). Altenberg e Granger (2001) afirmam que o *make* causativo é um verbo transitivo complexo que envolve três tipos de construções objeto + complemento: 1. Estruturas adjetivas (*make something*

possible), 2. Estruturas verbais (*make somebody believe*) e 3. Estruturas nominais (*make somebody a star*).

Em nosso *corpus* de estudo, o *make* causativo foi utilizado 277 vezes pelos aprendizes brasileiros, o que corresponde a 60% do uso de *make* no Br-ICLE, sendo 136 ocorrências de estruturas verbais (*make people believe*), 104 ocorrências de estruturas adjetivas (*make them busy*) e 7 ocorrências de estruturas nominais (*make someone a good professional*). As construções com *make* causativo mais frequentes no Br-ICLE foram: *make someone feel* (15 ocorrências), *make something easier* (14 ocorrências), *make something better* (13 ocorrências) e *make something possible* (8 ocorrências).

Segundo Altenberg e Granger (2001), o frequente uso de *make* causativo pode ser resultado de vários fatores – interlinguais, intralinguais e ensino inadequado. Em relação ao fator interlingual, a existência de uma construção correspondente no português (fazer alguém feliz – *make someone happy*) pode, de fato, explicar esse uso frequente. O fator intralingual exposto pelos autores se refere ao fato de essa construção em inglês ser muito fácil de usar, resultando em um excesso de generalização do padrão da L2. O último fator que pode explicar o sobreuso de *make* causativo, de acordo com Altenberg e Granger (2001), seria o ensino inadequado. Os autores argumentam que as gramáticas e cursos, ao apresentarem construções causativas, focam no verbo *make*, deixando de lado outros verbos, tais como *cause*, *allow*, *enable* etc. No presente estudo, os aprendizes brasileiros utilizaram *make* em construções nas quais, claramente, o uso de *cause* ou *lead* seria mais adequado, como por exemplo nas construções *make confusion* e *make people get a conclusion*, o melhor seria *cause confusion* e *lead people to a conclusion*. Todavia, não podemos afirmar que esse uso seja resultado de um ensino inadequado, pois precisaríamos pesquisar outros fatores para fazer tal afirmação.

4. Os erros colocacionais com *make*

Do total das 413 colocações com o verbo *make*, 102 constituíram erros colocacionais, resultando em 24,69% de combinações erradas. A Tabela 3 traz a frequência dos tipos de erros colocacionais com *make*. Cada tipo de erro é exemplificado, seguido de uma sugestão para correção do mesmo. As sugestões para correção foram retiradas dos *corpora* COCA ou BNC, levando-se em consideração a frequência de uso. Por exemplo, para fazer a correção de *make an abortion*, gerou-se a lista dos colocados mais frequentes do substantivo *abortion*. O verbo

have aparece no topo da lista e, assim, foi escolhido para formar a combinação *have an abortion*.

Tabela 3: Tipos de erros colocacionais com *make*

Tipo de erro	Exemplo	Sugestão para correção	Frequência
Verbo	<i>Make an abortion</i>	<i>Have an abortion</i>	56
Uso 2 (não existe)	<i>Make concrete a dream</i>		23
Substantivo ou objeto	<i>Make usage of</i> <i>Make easier</i>	<i>Make use of</i> <i>Make it easier</i>	8
Determinante	<i>Make the people think</i>	<i>Make people think</i>	7
Preposição	<i>Make the world go around</i>	<i>Make the world go round</i>	4
Uso 1 (existe, mas uso incorreto)	<i>Make notice of</i>	<i>Take note of</i>	4
Número			0
Total de erros			102

Abaixo, seguem alguns exemplos de erros colocacionais com o verbo *make* e sugestões de correção. Em seguida, discuto os erros considerados mais relevantes pela frequência de ocorrência no *corpus* de estudo e nos *corpora* gerais.

1. Erros colocacionais com *make* e sugestões de correção

1) Erro colocacional quanto à escolha do verbo

Combinação errada	Sugestão para correção
1. Make something (2)	Do something
2. Make one's mind (2)	Make up one's mind
3. Make a rebellion (2)	Form a rebellion
4. Make abortions (2)	Have abortions
5. Make actions (2)	Take actions
6. Make any success	Have any success
7. Make a surgery	Have a surgery
8. Make their work	Do their work
9. Make wrongs	Do wrongs
10. Make studies	Do studies
11. Make their homework	Do their homework
12. Make the confusion	Cause confusion
13. Make the role	Play the role
14. Make a mix	Mix
15. Make a pause	Pause
16. Make a hiring	Hire
17. Make a discussion	Discuss

Em se tratando de erros com *make* envolvendo a escolha do verbo, é comum se pensar que, muitos desses erros, devem ser quanto ao uso de *make* no lugar do verbo *do* e vice versa. Entretanto, houve apenas 4 ocorrências no Br-ICLE de uso do verbo *make* onde o correto seria utilizar o verbo *do* (*make wrongs, make studies, make their work, make homework*). Nesselhauf (2005) comenta que a questão de *make* e *do* serem verbos que geram confusão é uma suposição básica. Todavia, essa suposição não foi confirmada no estudo da autora, o qual apresentou apenas 03 (três) ocorrências de confusão de *make* e *do* (*make homework, make studies* e *do a contribution*).

Vários dos frequentes erros com *make*, em relação à escolha do verbo, parecem ser provenientes da transferência da L1. Alguns possíveis exemplos desse tipo de erros seriam as combinações: *make a mix, make success, make reforms, make campaigns, make a revolution, make an abortion, make confusion*. Todas essas combinações possuem uma tradução correspondente no português: *fazer uma mistura, fazer traduções, fazer sucesso, fazer reformas, fazer campanhas, fazer uma revolução e fazer confusão*. Outro tipo frequente de erro, relacionado à escolha do verbo, foi quanto ao uso de uma combinação com *make*, em que o uso de um verbo simples seria o correto ou mais adequado: *make a mix (mix), make a hiring (hire), make correlations (correlate), make a pause (pause), make a discussion (discuss), make a rate grow up (increase)*.

O segundo tipo de erro mais frequente com o verbo *make* foi em relação ao substantivo ou objeto. Esse erro ocorreu nas construções com *make* causativo (ALTENBERG e GRANGER, 2001), formadas pelo verbo *make* + objeto + complemento (*make something possible*) e envolveram a não utilização do pronome *it* nas combinações *make crucial, make possible, make impossible* e *make easier*.

Erros quanto à escolha da preposição também envolveram construções com *make* causativo. O *make* causativo pode pertencer a uma estrutura verbal, na qual o complemento é um verbo, ou seja, *make* + objeto + verbo (*make somebody believe*). Nessa estrutura, não se utiliza a preposição *to* antes do verbo complemento. Todavia, os aprendizes brasileiros utilizaram *to* nas construções *make us to think, make us to behave, make parents to be, make anybody to be, make people not to be, make us to interact*.

2. Erro colocacional quanto ao uso tipo 2 – combinação não existe

Combinação errada	Sugestão para correção
1. Make their ends meet	Make ends meet
2. Make notice of	Take note of
4. Make an easy existence	Toda estrutura problemática

Make ends meet é uma expressão idiomática que tem uma estrutura bastante fixa. A falta de conhecimento da expressão idiomática parece ser o fator responsável por esse erro e pela produção da combinação *make notice of*, a qual foi criada pela junção de palavras individuais, sem considerar como as palavras de uma língua se combinam.

3. Erro colocacional quanto à escolha do substantivo ou objeto

Combinação errada	Sugestão para correção
1. Make easier to (2)	Make it easier to
2. Make impossible (2)	Make it impossible
3. Make possible (2)	Make it possible
4. Make crucial	Make it crucial
5. Make usage of	Make use of

As construções *make it possible*, *make it easier*, *make it crucial* são classificadas por Altenberg e Granger (2001) como estruturas adjetivas de *make* causativo (*make + sb/sth + adj*). Construções que, segundo os autores, parecem funcionar como estruturas pré-fabricadas. Todavia, alguns aprendizes brasileiros não assimilaram essas estruturas como sendo pré-fabricadas e, sendo assim, produziram os erros colocacionais *make easier*, *make possible*, *make crucial*.

No erro colocacional *make usage of*, o aprendiz utilizou um sinônimo inadequado, que pode ser devido à deficiência de conhecimento das restrições da língua.

4. Erro colocacional quanto à escolha do determinante

Combinação errada	Sugestão para correção
1. Make the difference	Make a difference
2. Make the citizens aware of	Make citizens aware of
3. Make the people think	Make people think

A colocação *make a difference* tem sua estrutura bastante fixa, não sendo muito utilizada com o artigo definido *the*. A utilização de *the* na combinação, geralmente aparece nas construções *make all the difference*, *make the difference between* ou quando o substantivo *difference* é especificado. Mas em seu sentido geral de *fazer a diferença*, a colocação correta em inglês, a qual deveria ter sido utilizada pelo aprendiz, é *make a difference*.

Os erros colocacionais *make the citizens aware of* e *make the people think* parecem ser provenientes da transferência da L1, pois em português utilizamos o artigo definido para nos referirmos a grupos de uma forma geral, ou seja, é comum dizermos *fazer as pessoas pensarem*.

5. Erro colocacional quanto à escolha da preposição

Combinação errada	Sugestão para correção
1. Make the world go around (2)	Make the world go round

A expressão *make the world go round* é fixa e não admite o uso do sinônimo *around* em sua estrutura.

6. Erro colocacional quanto ao uso tipo 1 – combinação existe, mas foi usada incorretamente

Combinação errada	Sugestão para correção
1. Make use of surgery (2)	Have a surgery
2. Make use of an example	Use an example

Make use of é uma colocação frequente na língua inglesa. Todavia, sua combinação com substantivos como *surgery* e *example* deu origem a construções um tanto estranhas, que não têm nenhuma ocorrência nos *corpora* gerais.

5. Considerações finais

O presente estudo confirma os resultados de outros estudos (HOWARTH 1998, ALTENBERG e GRANGER 2001, NESSELHAUF 2005, WANG e SHAW 2008, JUKNEVIČIENĖ 2008, HONG et al. 2011, LAUFER e WALDMAN 2011) que revelam que aprendizes de inglês têm grande dificuldade em produzir e utilizar colocações. Os aprendizes brasileiros, frequentemente, utilizam as colocações com o verbo *make* de forma inadequada em suas produções escritas, produzindo erros colocacionais.

Segundo os estudos acima, há três fatores principais que seriam as possíveis fontes desses erros: 1. Fatores interlinguais; 2. Fatores intralinguais e 3. Fatores instrucionais. No âmbito de nossa pesquisa, os dados revelam que os erros colocacionais produzidos pelos aprendizes brasileiros são provenientes de fatores interlinguais e intralinguais.

Em relação aos fatores interlinguais, a transferência negativa do português parece ter sido a fonte de vários erros colocacionais, entre eles, *make a pause*, *make success*, *make an abortion*, que seriam traduções diretas do português de *fazer uma pausa*, *fazer sucesso* e *fazer*

um aborto. A forma correta dessas combinações em inglês seria *pause*, *have success* e *have an abortion*.

Quanto aos fatores intralinguais, foi possível perceber que a falta de conhecimento do grau de comutabilidade ou fixação dos elementos das combinações e expressões da língua resultou em construções como *make homework*, *make actions*, *make their ends meet*. Nos dois primeiros exemplos, falta ao aprendiz o conhecimento colocacional que dita que os substantivos *homework* e *actions*, geralmente são usados com os verbos *do* e *take*. E, no caso de *make ends meet*, trata-se de uma expressão idiomática, cuja estrutura é bastante fixa, não aceitando a variação *make their ends meet*.

Os estudos de Hong et al. (2011), Laufer e Waldman (2011), Wang e Shaw (2008), Juknevičienė (2008), Nesselhauf (2005) e Howarth (1998) confirmam que fatores interlinguais e intralinguais são as fontes principais de erros colocacionais. Estes autores afirmam que os aprendizes têm um maior conhecimento de palavras individuais, mas têm uma grande deficiência de conhecimento de como essas palavras se combinam e acabam produzindo combinações erradas.

Com base nos resultados de nosso estudo e cientes da importância do conhecimento colocacional na aprendizagem de uma língua estrangeira, é importante que professores busquem possibilidades de ensino que levem os aprendizes a desenvolverem uma conscientização linguística acerca da complexidade das colocações e demais combinações de palavras. Granger e Meunier (2008) e Howarth (1998) defendem que professores têm de auxiliar os aprendizes a perceberem a fraseologia da língua e seu potencial para aquisição da fluência e proficiência.

Uma forma de se fazer isto, como apontada por Laufer e Waldman (2011), é por meio da explicação das diferenças entre colocações específicas em L1 e L2 e a prática de tradução dessas colocações. Hong et al (2011), Wang e Shaw (2008) e Nesselhauf (2005) também defendem uma instrução explícita da fraseologia da língua e sugerem conscientizar o aprendiz acerca do uso de colocações em sua L1, fazendo com que o mesmo compreenda o fenômeno. Nesselhauf (2005) acrescenta que exercícios com linhas de concordância constituem um valioso recurso para propiciar a conscientização linguística. Por exemplo, por meio da análise de linhas de concordância extraídas dos corpora COCA ou BNC, o aprendiz poderia identificar colocações com *make* deslexicalizado. A preparação das atividades para conscientização devem

levar em consideração as dificuldades dos aprendizes as quais podem ser acessadas por meio da análise de *corpora* de aprendizes.

O presente estudo é parte de uma pesquisa maior a qual investiga o uso de colocações com verbos de alta frequência no *corpus* de aprendiz Br-ICLE. *Corpora* de aprendizes podem contribuir significativamente para o ensino de línguas e a prática pedagógica, uma vez que podem revelar as dificuldades e necessidades linguísticas de determinados grupos de aprendizes.

Referências

- ALTENBERG, B.; GRANGER, S. The grammatical and lexical patterning of MAKE in native and non-native student writing. **Applied Linguistics**, v. 22, p. 173–195, 2001. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1093/applin/22.2.173>
- COWIE, A. P. Phraseology, In: ASHER R.; SIMPSON, J. (Org.), **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994, 3168-71,
- GRANGER, S.; MEUNIER, F. **Phraseology in Foreign Language Learning and Teaching**. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- HONG, A.; RAHIM, H.; HUA, T.; SALEHUDDIN; K. Collocations in Malaysian English learners' writing: A corpus based error analysis. **The Southeast Asian Journal of English Language Studies**, v. 17, p. 31-44, 2010.
- HOWARTH, P. Phraseology and second language proficiency. **Applied Linguistics**, v. 19(1), p. 24-44, 1998. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1093/applin/19.1.24>
- JUKNEVIČIENĖ, R. Collocations with high-frequency verbs in learner English: Lithuanian learners VS native speakers. **Kalbotyra**, v.59:3, p. 119-127, 2008
- LAUFER, B.; WALDMAN, T. Verb-noun collocations in L2 writing. **Language Learning**, v. 61:2, p. 647-672, 2011. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9922.2010.00621.x>
- NESSSELHAUF, N. The use of collocations by advanced learners of English and some implications for teaching. **Applied Linguistics**, 24, 223–242, 2003. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1093/applin/24.2.223>
- NESSSELHAUF, N. **Collocations in a learner corpus**. Amsterdam: Benjamins, 2005. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/scl.14>
- SINCLAIR, J. M. **Corpus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

WANG, Y.; SHAW, P. Transfer and universality: Collocation use in advanced Chinese and Swedish learner English. **ICAME Journal**, v. 32, p. 201-232, 2008.

Artigo recebido em: 15.09.2013

Artigo aprovado em: 08.02.2014

Domínios de Lingu@gem